

## Maurice Richard: a anatomia de um mito

Flávio Aguiar

USP

MELANÇON, Benoît – *Les yeux de Maurice Richard: une histoire culturelle*. Anjou (Montréal): Fides, 2008.

Neste livro, mais do que a análise de um jogador (embora isso também entre em jogo), Benoît Melançon perfaz a anatomia de um mito. O crítico (também canadense) Northrop Frye define a anatomia nos estudos literários como um gênero temático (em que o conteúdo é mais importante do que o enredo) de descrição de uma estrutura de significado. E assim descreve, em outro livro (em português, *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*), o que pretendeu fazer no seu livro *Anatomia da crítica*: “...começar com um ‘símbolo’, ou unidade de expressão poética, e terminar num universo verbal onde esse símbolo transformou-se numa mônada, embora uma mônada tal que penetra todas as outras, e por elas é penetrada”.<sup>1</sup>

Uma mônada é uma unidade completa e autônoma de significado. Mas esse significado só é perceptível em relação, pelo seu relacionamento com o conjunto de mônadas que compõe um universo como o literário, ou, falando um pouco mais amplamente, cultural.

---

<sup>1</sup> Frye, Northrop – *O código dos códigos: a Bíblia e a Literatura*. Trad. De Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, pág. 263.

*Mutatis mutandis*, é isso que Melançon faz com seu objeto primeiro, o mito de Maurice Richard, sua construção e desconstrução, o que ajuda a lançar um pouco de luz sobre seu objeto segundo, o Maurice Richard histórico, o maior jogador de hóquei do Québec e do Canadá. No trajeto se joga um pouco de luz também sobre objetos terceiros, quais sejam, essas “mônadas” complementares, contraditórias, colidentes, que são os panoramas sociais e culturais que jazem por trás dessas palavras: Québec e Canadá.

Para se ter a medida do empreendimento de Melançon, e de seu empenho, é necessário ter uma idéia prévia do significado do hóquei no Quebec, no Canadá, e em particular no período de atuação de Maurice Richard (1921 – 2000) como jogador nessa arena de gelo. Richard, apelidado, num confronto lingüístico, de “Le Rocket”<sup>2</sup> – “O Foguete” – misturando o artigo definido francês com o substantivo metafórico em inglês, jogou profissionalmente de 1942 a 1960, e exclusivamente pela equipe dos Canadiens de Montreal.

Ao analisar esse apelido, Melançon destaca os valores que ele traz consigo, característicos dos anos 40, 50 e 60: velocidade, impulsão, acesso à modernidade tecnológica de então e também acesso à língua que naquela época condensava essa modernidade: o inglês. Assinala Melançon que o foguete é algo terrestre que se faz celeste e que, teoricamente, uma vez lançado, é impossível detê-lo a não ser por sua destruição – imagem que não deixa de ser relevante no mundo do hóquei, um jogo que às vezes descamba para jogadas extremamente violentas e confrontos sangrentos onde os tacos viram tacapes.

Esses confrontos não foram estranhos à carreira de Richard. Pelo contrário, ao lado das fotos de jogos ou de publicidade em que ele aparece com todo aquele *glamour*

---

<sup>2</sup> Melançon, Benoît – *Les yeux de Maurice Richard: une histoire culturelle*. Anjou (Montreal): Fides, 2008.

masculino daquela época, cabelos bem cortados e penteados, sorriso de dentifrício, vicejam aquelas em que ele aparece sangrando, de nariz quebrado ou se batendo com outros jogadores. Le Rocket, tão jogador quanto gladiador, não fugia da peleja, tivesse ela o sentido que tivesse: podia ser o bom moço de comportamento impecável e também o guerreiro implacável e resistente que esgrimia tacadas com os adversários, conforme as vicissitudes do jogo. Por isso, sublinha Melançon, a expressão “Le Rocket” contrabandeava para dentro da palavra inglesa (o que pode ser muito sugestivo dentro da paisagem sócio-cultural do Quebec daquela época) a palavra francesa *le roc*, forma masculina do feminino *la roche*, a rocha. Mais precisamente, *le roc* designa uma rocha que aparentemente emerge da terra, trazendo à expressão essa conotação de “chegar à superfície” desde as profundezas onde jazia oculta. Curiosamente, esse tipo de rocha é muito comum nos montes ao norte da cidade de Quebec e também no próprio Mont Royal, monte (hoje parque) no centro mesmo de Montreal.

Para os torcedores dos Canadiens, assim como para analistas e torcedores de outras equipes, o estádio de Montreal onde se disputavam os jogos nessa cidade, significativamente chamado de “Le Forum” passou a ser visto como uma espécie de “espaço central desse esporte”, um “lieu de mémoire”, conforme a expressão de Pierre Nora, que, paradoxalmente, não remetia ao passado, mas ao presente e ao futuro, numa afirmação esportiva de um povo e uma cultura que se identificavam como “em perigo”, ou pelo menos “subordinada” em relação à outra ou outras, dominantes ou hegemônicas. Paralelamente, Le Rocket foi e é considerado como o maior jogador que já pisou nas quadras de gelo do hóquei.

Para se ter uma idéia do sentido dessa combinação entre o hóquei, Montreal, Le Forum, os Canadiens e Maurice Richard, devemos nós brasileiros recorrer a um outro

amálgama de imagens: o futebol, o Rio de Janeiro, o Maracanã, a Seleção Brasileira e Pelé. A comparação entre futebol e hóquei para, respectivamente, brasileiros e canadenses, sobretudo os québécois – quebequenses – é mais ou menos evidente por si mesma, para quem conhece o Quebec e o Canadá. Nos anos 50 o Rio de Janeiro era a capital futebolística do país, a tal ponto que o Fla-Flu era o clássico nacional, reconhecido até no nome daqueles jogos de futebol de mesa com jogadores de madeira que os paulistas – graças à tradicional rivalidade entre as duas metrópoles – são os únicos em todo o país a chamar de “pebolim”. A equipe dos Canadiens, durante sucessivas gerações, tornou-se uma espécie de “seleção” do Quebec contra o resto do Canadá, e do Canadá, graças também ao seu nome, contra as equipes dos Estados Unidos.

A comparação com Pelé requer considerações mais complexas do que simplesmente afirmar que assim como Richard é tido como o maior jogador de hóquei de todos os tempos (pelo menos até o século XXI), Pelé foi internacionalmente reconhecido como o maior jogador de futebol (apesar da rivalidade com Maradona e os argentinos...) de todos os tempos. Assim como Richard, o jogador Pelé também tornaram-se o suporte de um mito – o do *Rei Pelé* – com tudo o que isso significa de ascensão social e cultural, em se tratando de um jogador negro num país de ex-escravos<sup>3</sup>. Muito se escreveu sobre se Pelé ascendeu ou foi “sugado” pelo establishment das classes dominantes brasileiras, deixando de ser o menino prodígio de Três Corações, Minas Gerais, para se tornar o ícone de uma

---

<sup>3</sup> Pelé tem uma dinastia por trás de si. Para não nos alongarmos, citemos três outros ícones: o legendário Friedenreich, filho de pai alemão e mãe negra, primeiro jogador brasileiro a ganhar (em Paris!) o título de “Roi du Football”; Leônidas da Silva, o Diamante Negro (até hoje nome de prestigioso chocolate), e o imortal Didi, que ganhou a qualificação de “rei”, depois da Copa de 1958. Cf. o samba de Túlio Piva, de que citamos a última estrofe: “Zagalo tabelava com Pelé/Didi, rei com a bola no pé/Garrincha, tico-tico no fubá/E a torcida gritava/Gol de Vavá!

Em todo caso, Pelé foi o primeiro a juntar o título a seu nome: o Rei Pelé.

mistificação social e política. No caso de Richard, também tornaram-se assunto esquadrihado suas ligações políticas com o establishment conservador do Quebec.

Talvez a melhor base de comparação entre ambos os jogadores e ambos os mitos seja aquilo que o crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes chamava informalmente de “os bodes exultórios” de uma nação, parodiando o arquétipo do bode expiatório: personagens que, ao obterem reconhecimento pelos “outros” mais poderosos (no caso do Quebec, o conjunto do Canadá anglófono, os Estados Unidos e depois até a Europa; no caso do Brasil, a Europa, o conjunto da América Latina e depois o “resto” do mundo, incluindo os Estados Unidos, onde Pelé ainda jogou – no Cosmos, de Nova York) estabelecem um vínculo de compensação com um passado frágil, um presente precário e um futuro ameaçado. Ainda no caso do Brasil, pensemos em Carlos Gomes reconhecido na Ópera de Milão, Santos Dumont, o pai da aviação, Maria Esther Bueno, Ayrton Senna, dentre muitos outros<sup>4</sup>.

Ao analisar a “mônada” Richard, Melançon destaca, pelo título de seu livro, o que seria a principal contribuição dele para um hipotético “jogador ideal” de hóquei, dentro do seu processo de mitificação. Esse procedimento, criando um verdadeiro, mas simpático “Frankenstein” do hóquei, é o paralelo do que às vezes se vê na tentativa (um tanto vã, devido às diferenças entre as épocas) de se formar uma “seleção de futebol de todos os tempos”, que reuniria jogadores tão diferentes entre si, podendo ir no Brasil de hoje em dia,

---

<sup>4</sup> O arquétipo do “bode exultório” foi fixado pelo palhaço, cantor, compositor, violonista, etc. Eduardo das Neves (1874 – 1919), na sua marchinha de 1902, *A conquista do ar*, em homenagem ao dirigível (não o 14 bis) de Santos Dumont, de que citamos três estrofes: A Europa curvou-se ante o Brasil/E clamou parabéns em meigo tom/Surgiu lá no céu uma estrela/Apareceu Santos Dumont// (...)A conquista do ar que aspirava/A velha Europa, poderosa e viril/Rompendo o véu que a ocultava/Quem ganhou foi o Brasil//Por isso o Brasil tão majestoso/Do século tem a glória principal/Gerou no seu seio o grande herói/Que hoje tem renome universal//(...). Não é impertinente associar o “majestoso” de Eduardo das Neves à “majestade” do Rei Pelé.

do consagrado Friedenreich a Romário (para não citarmos jogadores na ativa), passando por Deus e o mundo, numa equipe igualmente “franquesteica”.

No caso, Melançon se refere a um artigo de Jean-François Bégin, publicado no jornal *La Presse* de 03 de abril de 2004, em que o autor toma diferentes partes de distintos jogadores da Liga de Hóquei, em diferentes épocas, para criar o seu Frankenstein ideal. Citar nomes seria vão para leitores brasileiros, mas o que ele faz é tomar o braço deste, o outro braço daquele, os patins de fulano, os ombros de cicrano, a cabeleira de beltrano e... *os olhos de Maurice Richard*.<sup>5</sup>

O olhar deste já era citado como “de fogo”, em poema de Bernard Pozier, publicado em 1991, onde este também se dedica a compor um hipotético e ideal jogador de hóquei, embora se refira a estilos, não a partes do corpo<sup>6</sup>. O poema destaca a elegância de um, o sorriso do outro, a visão periférica do terceiro, etc. e... *le feu des yeux de Maurice Richard*. Assim, o olhar de Maurice Richard é também um estilo, uma maneira de jogar e de ser. O que exprime esse olhar? Tudo, menos frieza: ao contrário, esse olhar é marca e símbolo de um fogo interior, de uma determinação inabalável, de uma dedicação absoluta àquilo que Melançon aponta como a característica principal de Richard: a busca do gol adversário (no caso de Pelé, essa também seria uma de suas características, consagrada no mito através do milésimo gol de sua carreira, o “gol mil”, marcado no Maracanã em 19/11/1969 e cantado em prosa, verso, rádio, cinema e tevê. Quando se retirou das quadras, Richard era o maior “goleador” da história do hóquei. Não importa se o número de “gols” que ele marcou foi ou será superado ou não. Importa sim que, no seu plano mítico, ele ficará para sempre como o jogador de hóquei que, ao encerrar a sua carreira, era o maior e melhor marcador de tentos

---

<sup>5</sup> Melançon, pág. 36.

<sup>6</sup> Melançon, pág. 36.

que houve até ali, além de outras qualidades demonstradas. O mesmo aconteceu com o “Rei Pelé”: outros poderão marcar mais ou até melhores gols do que ele; mas o que importa é que será sempre o incensado goleador que marcou seu milésimo gol (na primeira vez em que houve essa comemoração a respeito de um jogador) nesse espaço sagrado da vida brasileira, sul-americana e mundial que é o estádio do Maracanã (cujo nome oficial, jornalista Mário Filho, poucos conhecem e quase ninguém lembra).

Na sua jornada através do “mito Maurice Richard”, Melançon mobiliza uma série muito diversificada de espaços e momentos. Vai desde a publicidade de creme de barbear ou de tônicos contra a calvície até a intrigante (pena que relativamente pouco desenvolvida) similitude entre uma das fotos mais famosas do atleta, que deu a capa ao livro, e o quadro do pintor napolitano Luca Giordano, *Il martirio di San Sebastiano* (séc. XVII).<sup>7</sup> A proximidade entre ambas as fotos se apóia tanto na semelhança da disposição dos personagens-motivo de cada uma delas (o olhar, disposição dos ombros, por exemplo)<sup>8</sup>, quanto no fato (aquele *acaso* que deixou de sê-lo) de que a foto de Maurice Richard, publicada na capa da revista norte-americana *Sport*, estava exposta perante a torcida no Forum de Montreal, através do material publicitário da revista, no dia 17 de março de 1955, dia em que o jogador foi consagrado como uma espécie de “mártir” do hóquei canadense, “québécois” e “montréalais”.

Esse dia – 17/03/1955 – faz o escriba brasileiro pensar num outro: o 16/07/1950. Todo mito tem uma catástrofe que o acompanha. No caso de Pelé, a catástrofe aconteceu *antes* de sua entrada no futebol, mais precisamente naquele dia em que, em pleno Maracanã, o Brasil perdeu a partida decisiva pela Copa do Mundo para o Uruguai por 2 x 1,

---

<sup>7</sup> Melançon, capa, e caderno de fotos entre as págs. 208 e 209.

<sup>8</sup> Melançon, pág. 94 e segs.

depois de estar vencendo por 1 x 0 e precisar apenas de um empate para sagrar-se campeão. Esse foi o fantasma terrível – tanto quanto o adversário concreto – que o Brasil teve de derrotar em 29 de junho de 1958, quando ganhou a final contra o time sueco em Estocolmo por 5 x 2, depois de estar perdendo por 1 x 0. Para retomarmos o tema dos mitos, é verdade que o jogador consagrado nesta final, inicialmente, foi Waldir Pires, o Didi, que, diante do primeiro gol dos suecos, fez a sua famosa “caminhada do século”, buscando a bola nas redes brasileiras e caminhando calmamente até o centro do gramado para reiniciar o jogo, sob o silêncio do estádio sueco, um silêncio tão temeroso quanto aquele que cobrira o Maracanã oito anos antes, depois do segundo gol dos uruguaaios, seguido do choro pela derrota. Mas lembremos que o jogo de 58 também consagrou Pelé, o goleador do time brasileiro (apesar da fama de Vavá) e autor do último gol do Brasil, em que deu uma “barretada” diante do goleiro ao cabecear a bola para o fundo das redes. Para completar esse quadro, uma boa parte da equipe brasileira (Pelé inclusive) caiu no choro depois do jogo, dessa vez pela vitória afinal alcançada.<sup>9</sup>

No Forum de Montreal, em 17 de março de 1955, a catástrofe foi de outra natureza. Tal como no caso da conquista da copa de 58, havia antecedentes. Esses, na temporada de 1954/1955, diziam respeito, sobretudo, a uma série de confrontos violentos entre Richard e jogadores – e juízes – de outros times e cidades da Liga Nacional de Hóquei, tanto no Canadá quanto nos Estados Unidos. Tudo isso culminou com a suspensão do jogador, decidida em 16 de março de 1955, enquanto os Canadiens disputavam jogos decisivos da série. A decisão fora tomada por Clarence Campbell (1905 – 1984), dirigente e “cartola” da

---

<sup>9</sup> V., p. ex., [www.youtube.com/watch?v=xeQTmtRIxHs](http://www.youtube.com/watch?v=xeQTmtRIxHs)



Liga durante 31 anos (1946 – 1977), alegando “uma instabilidade de caráter” e uma “atitude de desafio à autoridade” por parte do jogador<sup>10</sup>.

Partindo de um anglófono, “english-canadian”, a referência ao “caráter instável” de Richard, um francófono (na época, “canadien-français”, depois “québécois”) atingiu uma corda sensível das relações culturais, sociais, políticas e econômicas de então, a saber, a desigualdade entre o primeiro e o segundo grupo e os preconceitos antecedentes e decorrentes envolvidos<sup>11</sup>.

No dia seguinte ao da decisão e seu anúncio, os Canadiens enfrentavam os Red Wings de Detroit no Forum. Já na entrada, antes do jogo, houve escaramuças entre torcedores e policiais. Num estádio tomado por 15 mil fãs do esporte, dos quais certamente 99% eram torcedores do time local, quando os Canadiens sem sua estrela principal já perdiam o jogo, Campbell fez uma “entrada triunfal” até seu camarote reservado, acompanhado por três mulheres, uma das quais, segundo as narrativas, era sua secretária, com quem mais tarde se casaria. No espaço sagrado do gelo desportivo o clima esquentou freneticamente. Houve agressões físicas a Campbell, uma bomba de gás lacrimogênio (aparentemente de fabricação caseira) explodiu no recinto, que foi evacuado, sendo a vitória atribuída ao time visitante.

A multidão que saía do estádio se juntou à que esperava do lado de fora, e o quebra-quebra começou e se espalhou pelo centro da cidade. No confronto com a polícia que se seguiu durante a noite e a madrugada, houve quase uma centena de feridos (entre eles 25 policiais), outro tanto de detidos, carros virados e queimados, lojas saqueadas, num prejuízo hoje estimado numa figura que vai ao equivalente a um milhão e meio de reais, cifra

---

<sup>10</sup> Melançon, págs. 117 e segs.

<sup>11</sup> A bibliografia sobre esse tema é extensíssima e variadíssima quanto a todos os pontos de vista. Uma boa porta de entrada ao tema é ainda o estudo clássico de Marcel Rioux, *Les Québécois* (Paris: Seuil, 1974).

astronômica na época. O próprio Richard foi ao rádio pedir calma aos manifestantes, enquanto dizia reconhecer a validade de sua punição.

Entretanto as marcas que esse evento, conhecido como “L’Émeute”, “O Motim”, ou então “Richard’s Riot”, “O Motim de Richard”, ultrapassaram, e muito, os danos e cifras do momento. O que aconteceu naquela noite foi seguidamente citado como um prelúdio do período de revoltas e mudanças que marcaram a década seguinte vivida pela sociedade quebequense e o Canadá como um todo, sem falar no mundo de um modo geral.

A meio século de distância, a análise de Melançon sugere um ponto de vista mais equilibrado entre reconhecer a insatisfação histórica coletiva como motivação dos acontecimentos e a irritação de um grupo grande de torcedores com a perda de seu herói no meio dos jogos decisivos. Também não esquece de mencionar que, sem dúvida, uma vez começado o quebra-quebra, ele atraiu aqueles que sempre são partidários e torcedores... desse tipo de evento. Mas é claro também que a leitura de Melançon põe em evidência que sem “O Motim” o mito de Maurice Richard perderia uma parte da dramaticidade histórica e coletiva que ele acabou por adquirir.

Melançon enumera quatro motivos iniciais para considerar esse Richard construído em tantas imagens, narrativas e mídias como um “mito”, não apenas um “personagem legendário” ou um “herói”. São eles: permanência num longo tempo histórico (a expressão francesa *durée*), transmissão cultural (entre gerações, grupos, espaços), dimensão coletiva e um certo caráter de sensação de prodígio, de encantamento que sua presença e passagem deixa (Melançon usa a palavra *merveilleux* para exprimir essa última dimensão). A estes ele ajunta um quinto motivo, de caráter discursivo: a maleabilidade do discurso do e sobre o mito.

Quanto a esse último aspecto, Melançon sublinha o fato do mito envolver necessariamente uma crença, e que essa pode variar no tempo, no espaço, de acordo com os grupos envolvidos. Ajuntaríamos ainda uma outra característica dos tempos contemporâneos: o discurso do mito contemporâneo é maleável ao ponto da fragmentação. O “mito Richard” do tônico contra a calvície não é necessariamente o mesmo inscrito na reprodução de sua imagem nas notas de cinco dólares canadenses. Talvez nem mesmo o mito Richard homenageado de corpo presente, depois de sua morte em 2000, no Centro Esportivo Molson (nome de uma marca de cerveja), que substituiu o Forum a partir de 1996, fosse exatamente o mesmo homenageado no dia seguinte (31 de maio) na Basílica de Notre-Dame de Montréal, uma das mais importantes da cidade, logo antes do funeral. Portanto, não apenas o(s) mito(s) Maurice Richard foca(m), mas também diluem no tempo histórico o ator físico que lhe serviu de suporte, mas ele mesmo se “auto-devora” enquanto se constitui no espaço cada vez mais contraditório da fragmentação contemporânea, tendo de se renovar, de se refazer numa velocidade crescente. Assim, curiosamente, ao mesmo tempo em que “se faz se desfazendo” a cada passo o(s) mito(s) que se renova(m) cria(m) como ponto vazio no passado, mas também como ponto de fuga no futuro, uma espécie de “Ur-mito”, de “Meta-Mito” que é o “Mito-Meta”, um mito que rememora a própria capacidade de criar mitos que a humanidade retém, mesmo em meio a esse momento de triunfo de um racionalismo funcionalista nada reconfortante.

Certamente esse jogo do mito no tempo e dentro do seu próprio tempo se deve a uma última característica do mito que ousamos, com base no pensamento de N. Frye, ajuntar àquelas citadas por Melançon, e que não as contaria, que é a de que o mito evoca um momento de transformação fundacional. Nas palavras finais de seu livro instigante, Melançon sublinha que Richard foi o fulcro de um momento de mudança radical no espaço

cultural do Québec, aquele momento que marcou a passagem de um espírito coletivo que se cultivava como um dos bodes expiatórios da história (essas palavras agora são radicalmente do autor dessa resenha, embora se apoiem no “Epílogo” de Melançon) para aquele que se projeta como cultuador dos seus “bodes exultórios”, que ama o triunfo e o sucesso “de suas divas nos Estados Unidos, de seus circos no Japão”, de seus esportistas. “Maurice Richard”, diz o autor, “é o mito ideal para um Quebec desse tipo”. “Ele teve sucesso num momento em que os seus tardavam a se afirmar, e seu sucesso foi québécois, canadense, norte-americano, internacional”.

Diz Melançon, finalizando:

Dizer isso nada tira de Maurice Richard, nem suas qualidades, nem seus defeitos. O historiador da cultura, se executa corretamente seu trabalho, deve situar sua análise sobre um outro plano. Ele não está aqui para criticar um homem, mas para compreender o que uma sociedade, depois de sessenta anos, quis fazer deste homem, o que o Quebec e o Canadá quiseram investir na figura de Maurice Richard”<sup>12</sup>.

O livro consegue essa façanha não menos épica.

---

<sup>12</sup> Melançon, pág. 266.